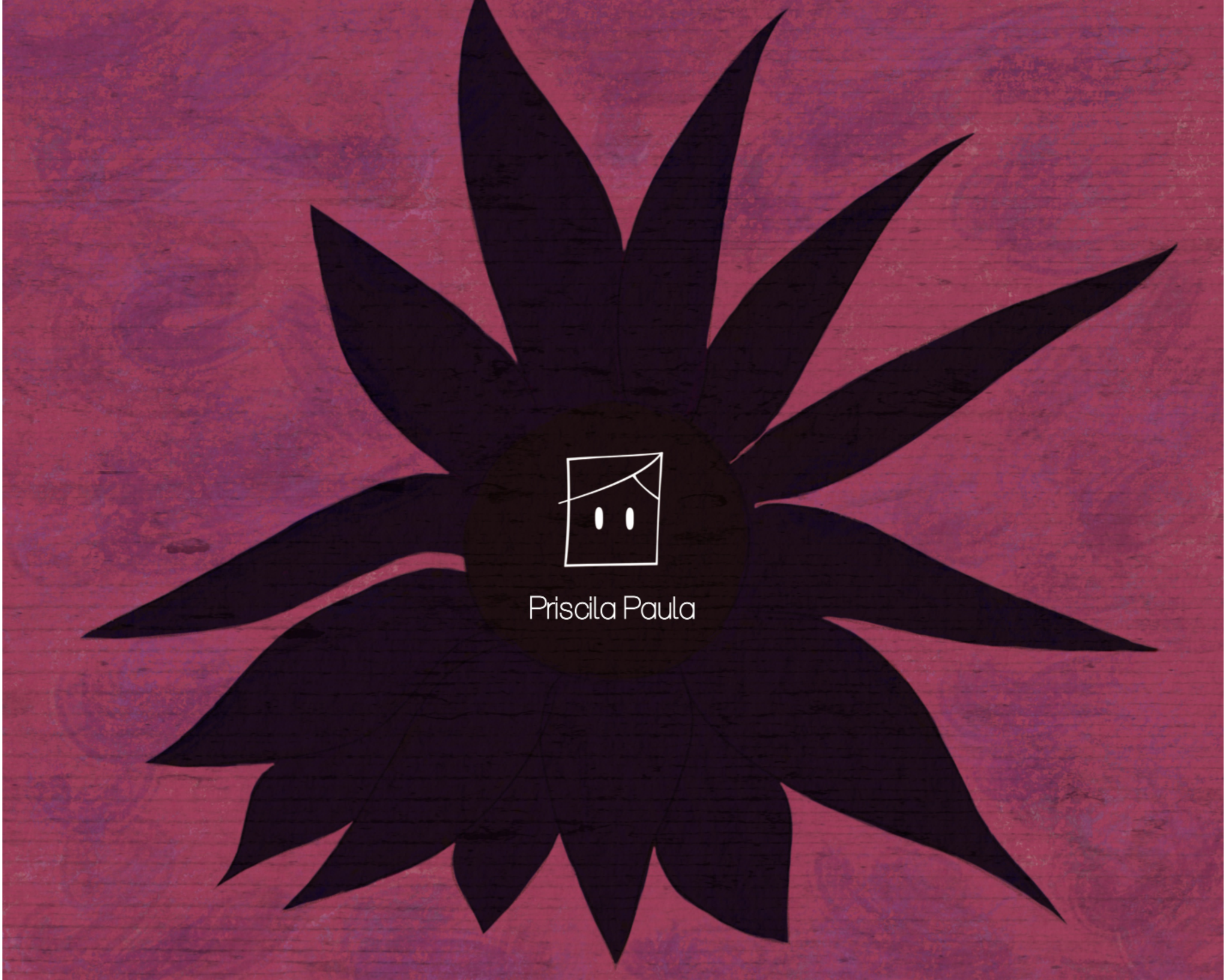

O sol de Margarida
Xandra Lia


Priscila Paula

Sumário

No mangue uma flor.....05

O sonho de Margarida.....10

De volta para o mangue.....14

A céu aberto.....18

Segredos da balança.....21

Boca de lixo.....25

Para quem nasce o sol?.....28

Sobre a Autora.....31






No mangue uma flor

O sol ainda não tinha nascido quando Teolinda pulou da cama naquele dia.

Era um verão abafado aquele de 1953. A barriga de 8 meses de gestação não parecia causar a ela maiores incômodos. Aproveitou que o fogão a lenha já tinha fogo e fez um café fraco e sem gosto.

Engoliu.

Levou banana cozida para comer no caminho.

As filhas dormiam juntas na mesma esteira. Preferiu deixá-las lá. Encontrou a amiga Zezé e Dita a caminho do mangue.

-Hoje vai fazer muito calor e eu não quero colocar essa barriga no sol.

As amigas concordam.

Enfrentar o mangue pela manhã era o mais sensato.

Depois que o sol nascia, o calor era insuportável. Isso sem falar nos mosquitos.

Zezé, Dita e Teolinda tiveram um bom dia. Conseguiram encher um cesto com caranguejo e guaiamum de bom tamanho e qualidade. Dita já estava satisfeita. Mas Teolinda achava que deveriam continuar.

Ela queria formar uma segunda cesta, porque sentia que precisava ter uma reserva. Não deu tempo.



Foi surpreendida quando um líquido quente escorreu pelas pernas.

A bolsa estourou.

Foi tudo rápido.

Em questão de minutos, nascia uma menina muito pequena, de choro forte.

Margarida não foi a primeira filha de Teolinda. Também não foi a última.

Mas foi a única filha que nasceu às margens do mangue.

Foi amparada por Zezé e Dita. Um dos cestos serviu como sua primeira cama.

-Hoje uma flor nasceu no mangue. Por que não coloca o nome de Margarida nela? Sugeriu Zezé.

A chegada de Margarida trouxe surpresa para todas. As meninas mais velhas logo providenciaram um cantinho para colocar o cesto da recém-nascida, que era observada de perto pelo gato e pelo cachorro da família, com curiosidade.

Abel retornou da pesca no dia seguinte, e também teve uma surpresa com o nascimento prematuro de Margarida. A pesca tinha sido boa, e todos puderem se servir a vontade do peixe fresco.





Margarida era mais uma boca para sustentar, numa casa já com muitas meninas. Todas precisavam ajudar no sustento da família. As mais velhas iam para o mangue. As mais novas catavam lenha para abastecer o fogão de lenha e também iam ao poço buscar água.

Outras crianças nasceram após Margarida.

Todas meninas.

Uma família remediada da Ilha de Paquetá fez uma oferta que pareceu muito boa para a família de Margarida: ofereceria instrução e roupa para a menina de apenas 11 anos, em troca do trabalho da mesma, que deveria "tomar conta" de um menino de 1 ano. A promessa não foi cumprida e Margarida conseguiu frequentar apenas 6 meses de escola, tempo suficiente apenas para aprender a assinar o próprio nome e juntar algumas letras.

Além de cuidar do menino, ela deveria lavar as roupinhas dele, e preparar a comida dos dois. Havia também outras mulheres trabalhando para esta família.

Maria lavava e passava a roupa. Josefa limpava e cozinhava. Os patrões nada faziam, apenas davam as ordens. O pouco dinheiro que Margarida recebia mal dava para ajudar no sustento da família que com muita dificuldade, sobrevivia na ilha.




O sonho de Margarida

O sonho de Margarida era estudar, formar-se professora e comprar uma casa para a família viver com ela com tranquilidade e conforto na Ilha de Paquetá, uma das muitas ilhas situadas na Baía de Guanabara, no Estado do Rio de Janeiro. Ela acreditava que um dia realizaria esse sonho. Ela acreditava que trabalhar desde os 11 anos iria garantir para ela um destino diferente do da mãe e das irmãs mais velhas.

Margarida sonhava.

Apesar de Antônio ser um bebê tranquilo e doce, Margarida logo se deu conta de que a responsabilidade de cuidar de outra criança era algo muito pesado para uma menina de 11 anos.

Com o tempo, tornou-se difícil até carregar o pequeno no colo, e logo ela precisou criar alternativas para passear com o menino.

Antônio acostumou-se a dormir no colo de Margarida. Ele chorava muito quando ela não estava por perto, e exigia atenção exclusiva para ele.

Antônio era o único filho menino do casal de patrões. A irmã mais velha dele tinha a mesma idade que Margarida. Clara era uma menina extremamente mimada e que gostava de maltratar Margarida, pelo ciúme que sentia em relação ao irmão mais novo.



Por sua vez, Margarida desejava ter os mimos que Clara desfrutava: as melhores bonecas, as melhores roupas, os melhores sapatos, as melhores escolas. Clara tinha aula de piano, enquanto Margarida apenas observava. Clara gostava de dar roupas usadas em péssimo estado para Margarida. Clara gostava de ostentar roupas novas e fazer com que Margarida sentisse que ela apenas merecia os restos que sobravam da família.

Já na adolescência, Clara gostava de esconder objetos para colocar a culpa em Margarida.

Ela praticava pequenas sabotagens diariamente apenas pelo prazer de humilhar Margarida.

Quando Antônio completou 10 anos, a família decidiu que ele deveria estudar em um colégio integral. Avaliaram que já não mais precisariam da presença de Margarida.

De forma seca e abrupta, Margarida foi dispensada.

Ela se sentiu usada e descartada. Sem direito a nada. Perdeu parte da infância e da juventude em função daquela família. Ela não teve condições para estudar, conforme prometeram. Ela sentiu que aquela família consumiu toda a juventude dela.

Quando Margarida foi dispensada, ela foi tomada por uma imensa revolta, algo que ela ainda não tinha conseguido dimensionar. Ela jurou para si mesma que nunca mais iria trabalhar na casa dos outros. E que nunca mais iria servir a pessoas que a descartariam como se ela não tivesse valor. Ela também prometeu para si mesma que nunca mais iria se apegar a alguém como se apegou ao pequeno Antônio. Essa foi a parte mais dolorida.

Ela prometeu para si mesma: nunca mais!

Algo morreu dentro dela com aquela separação e com o sentimento de ter sido descartada quando não mais precisavam dela.

Antônio ficou desolado com a partida de Margarida. Ele prometeu que nunca a esqueceria, e que escreveria cartas para ela.

E ele cumpriu a promessa. Por intermédio de Maria, que permaneceu na casa, Margarida recebia as cartas de Antônio e pedia para alguma criança alfabetizada ler para ela.



De volta para o mangue



Após 10 anos vivendo em Paquetá, Margarida retornou para a ilha da Casa de Pedra.

Muita coisa estava diferente na paisagem do lugar. Havia mais casas e também, mais poluição.

O mangue também já não era mais o mesmo.

O cheiro mudou.

Era forte.

Quase insuportável.

Havia menos mulheres no mangue. A maioria agora preferia se dedicar ao descarno do siri. Outras preferiram trabalhar como empregadas nas casas de famílias ricas da próspera cidade vizinha.

Margarida preferiu permanecer no mangue. E foi no mangue que conheceu Josias. Ele gostava de ajudar a carregar o cesto de caranguejo e também conseguia bons compradores para a mercadoria.

A associação com Josias resultou na união do casal, que construiu uma casinha no mesmo terreno da família de Margarida. Foi nessa casa que nasceram os filhos do casal.



Desde cedo, as crianças também iam para o mangue. Com frequência faziam algazarra no mangue e eram repreendidas pelo pai, que não gostava de folia no trabalho.

Josias era um homem muito duro com as crianças, achava que todas deveriam se levantar ainda de madrugada para executar tarefas antes da ida para o mangue.

Quando bebia, ele tornava-se violento.

Com o tempo, Margarida começou a considerar que ela ficaria muito melhor se vivesse sem o marido, que além de rude, gastava o pouco dinheiro que conquistavam com bebida.

De certa maneira, Margarida sentia-se presa naquela situação. Após anos de insatisfação e constantes brigas, decidiu separar-se. Para não sofrer represálias do ex-marido, preferiu mudar-se com os filhos para o outro extremo da ilha, no lado mais próximo da Praia da Beira.

Margarida era uma mulher de mais de 30 anos quando se separou do marido.

A ilha já não era mais a mesma. O mangue já não dava mais tanto caranguejo. O lixo e a poluição se espalhavam de forma descontrolada. Um vazadouro crescia a céu aberto na entrada da ilha.



E este foi o caminho que muitas pessoas encontraram para sobreviver. Além das agressões diárias ao mangue, um terrível desastre ambiental no ano 2.000 tomou as águas da baía de Guanabara de um óleo muito escuro. Esse óleo trouxe a morte para todo um ecossistema que ali ainda resistia. Após gerações viveram da pesca e do mangue na ilha, a poluição as expulsou.

Muitas pessoas, com pouca ou nenhuma instrução, viam no Lixão o caminho para a sobrevivência. Procuravam algo de valor naquilo que era visto como "lixo" De catadoras de caranguejo a catadoras de materiais recicláveis: essa foi a solução.

No início era uma montanha de coisas. Tudo o que as pessoas das cidades já não mais queriam, era descartado naquele lugar abandonado. Sem consciência. Sem preocupação.

Os caminhões chegavam cheios e lá descartavam um mundo de coisas que ninguém queria mais.

Todas as sobras e restos iam para lá. A céu aberto.




A céu aberto

Brinquedos
Roupas
Sapatos
Papelão
Garrafas
Livros
Jornal
Vidro
Alumínio
Ferro
Entulho
Carro velho
Corpos

Assim nasceu aquele Lixão. Com o passar dos anos, barracões de reciclagem foram surgindo. Houve um tempo em que existiam uns 10. A reciclagem virou um negócio rentável para alguns poucos, que concentravam o lucro.



O lugar passou a ser considerado "o eldorado dos catadores." Pessoas de diferentes regiões para lá migravam na esperança de conseguir sobreviver. Todas acreditavam que seriam independentes. Que não teriam mais patrão.

Margarida foi uma das primeiras a ver no trabalho de catadora uma forma de sobreviver. A pesca já não dava mais. O mangue morria enquanto o Lixão só crescia...

A primeira semana no Lixão foi uma das mais difíceis.

O cheiro forte que a montanha exalava tornava difícil a respiração.

O cheiro forte ficava por bastante tempo nas roupas.

No cabelo.

Na alma.

Os piores dias de semana eram quartas e quintas.

Era quando um mar de gente ia para lá. A competição era grande.

Segundas e terças-feiras eram os melhores dias.

Era quando vinha bastante plástico, PET, lata, papelão. Nestes dias era possível conseguir um preço melhor para vender para os barracões de reciclagem, onde também havia toda uma divisão do trabalho, realizado majoritariamente por mulheres.




Segredos da balança

Margarida dizia ter 40 anos, mas aparentava ter 60. Era uma mulher com um tom de pele marrom claro, e os olhos eram cor de mel. Alta, magra e com músculos nas pernas e nos braços que chamavam a atenção. Ela usava um lenço cobrindo o cabelo, mas deixava a mostra o rosto bastante castigado pelo sol.

Ela caminhava só
Ela catava restos
Restos do mundo
Sobras de nós

Margarida não temia andar só, mas ela não estava sozinha...

Havia muitas outras mulheres, homens e crianças que sobreviviam do que sobra de nós...

O dia de Margarida começava cedo, às 5 da manhã. Fazia o café e preparava a marmita. Alimentava os animais. Levava o filho para a escola.



E seguia
Sozinha
A pé
Rumo a mais um dia no Lixão

Caminhava 45 minutos. Cruzava a ponte. O mangue a margem esquerda. Muita poeira na estrada. Fazia questão de dar bom dia para todas as pessoas que cruzavam seu caminho.

No lixão, tomava um café com as amigas antes de começar o trabalho. Era nessa hora que compartilhavam alegrias e amarguras da vida. Conversa rápida. Em grupo, as mulheres passavam pela balança e adentravam o Lixão. Lá passavam 10 horas. Era muito tempo.

Margarida era amiga de todas. Evitava entrar em confusão. Sabia que "lá dentro no Lixão", era preciso fazer alianças para sobreviver. As mais antigas tinham essa vantagem. Elas sabiam os segredos da Balança. O importante era chegar cedo, e catar



os itens de mais valor no momento da pesagem. Fazer parcerias e trabalhar em grupo era fundamental "lá dentro". As novatas que não se enturmassem não iam muito longe ali.

Havia um grupo de mulheres que morava em barracas muito próximas do Lixão. Era uma estratégia para chegar mais cedo e conseguir materiais melhores. Muitas destas mulheres eram migrantes de outros municípios.

Em grupo elas trabalhavam. Em grupo, decidiram estudar. Margarida as incentivou.

-Vem com a gente, Margarida. Vamos estudar a noite no Brizolão! As crianças vão estudar lá de dia, e nós vai a noite! Vai ser bom para nós!

Houve um tempo em que Margarida desejou estudar. Ter um diploma. Ter uma profissão. Mas sentia que o tempo dela já tinha passado.

-Vão vocês que ainda têm sonhos. Vou trabalhá para que pelo menos um filho meu termine a escola. Meu tempo já passou, agora é com vocês, eu quero é que vocês sobe cada vez mais... Dizia Margarida.


Boca de Lixo

O Lixão nasceu no início da década de 1970. Eram toneladas de coisas que escondiam também, muitos segredos. Das centenas de pessoas que lá buscavam o sustento, havia muitas mulheres e crianças. Alguns filhos de Margarida cresceram lá dentro. Internamente, o lugar passou a ser conhecido como "Balança" e também, "Boca de Lixo".

A montanha abrigava muita coisa perigosa.

Drogas
Armas
Corpos

Margarida não gostava de falar deste assunto. Ela preferia desviar. Ela chegava cedo antes do sol e saia de lá antes do pôr do sol, porque sabia que a noite o lugar se transformava em algo muito sombrio e ainda mais violento.

O tráfico viu no Lixão um terreno fértil para crescer. Enquanto a maioria dormia, a Boca de Lixo despertava.



E crescia
E crescia
Ferozmente

O medo de Margarida era que seus netos fossem seduzidos pela vida no tráfico. E que fossem tragados por ele.

Era um pesadelo.

Até que um dia, repentinamente, o Lixão foi desativado.

Aproximadamente 400 catadores e catadoras ficaram sem a única atividade que lhes garantia a precária sobrevivência.

Margarida sentiu que o trabalho como catadora estava em extinção.

Mas o fim do Lixão não extinguiu o tráfico. Ele se espalhou. Por toda a ilha. Ficou incontrolável.

O mangue também estava dominado.



Para quem nasce o sol?



Como de costume, Margarida acordou cedo.

O sol ainda não estava no céu.

Ela se arrumou para mais um dia no lixão.

Na porta de casa, se lembra que ele não existe mais.

Desvia a rota.

Caminha em direção à praia.

Olha para o horizonte e avista a não tão distante Paquetá.

Lembra da vida que teve ali.

Um dia sonhou.

Pequenas ondas se formam.

O mar devolve tudo o que sobra de nós.

Ele repele.

Expulsa.

Rejeita.

Uma grande quantidade de latas, cabeças de boneca, sacos plásticos, chinelos e garrafas PET se espalham pela areia.

Cinza.



Cinza.

Tudo é cinza naquele lugar.

O mar não dá mais peixe.

Agora tudo é detrito.

Margarida olha para o horizonte.

As garças tristes sobrevoam a procura de comida.

Ela se senta às margens do mar.

Sozinha, respira fundo.

Aguarda alguns minutos.

Não tem pressa.

Espera o sol nascer...





Xandra Lia

Sou Alexandra Lima da Silva, nasci em Belford Roxo e passei minha adolescência na Ilha de Itaoca, São Gonçalo. Quando criança eu gostava de criar histórias. Eu aprendi a inventar histórias antes mesmo de aprender a ler. Sou historiadora e professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde leciono História da Educação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lia, Xandra
O sol de Margarida / Xandra Lia ; ilustração da autora. -- 2. ed. -- Belo Horizonte, MG : Ed. da Autora, 2022.

ISBN 978 - 65 - 00 - 40991 - 8

1. Manguezais 2. Lixo - Literatura infantojuvenil
3. Reciclagem de lixo - Literatura infantojuvenil
I. Título.

22 - 103843 CDD - 028 . 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

O sol de Margarida

Xandra Lia

2° Edição - Copyright © 2022 da autora. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei n° 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as leis n° 10.994/2004, e 12.192/2010.

Autora: Xandra Lia
Ilustrações: Xandra Lia
Produção editorial, Projeto gráfico e diagramação: Priscila Paula



Prisdila Paula
E-mail
priscilapaula@hotmail.com.br

Capa impressa em Cartão Supremo 250 G. Miolo em Couché fosco 115 G. Impresso na Gráfica Formato, 2022.